

Dívida de curto prazo do país é de US\$ 44 bi

Relatório aponta que vencem dentro de um ano US\$ 44 bilhões do endividamento externo do Brasil

José Meirelles Passos
e Ramona Ordoñez

• WASHINGTON e RIO. O Brasil é hoje o país da América Latina que tem o maior volume de dívida externa de curto prazo. De acordo com relatório divulgado ontem pelo Banco de Compensações Internacionais (BIS, o banco central dos bancos centrais), em Zurique, o Brasil tinha US\$ 71,1 bilhões em dívidas acumuladas com credores privados até meados do ano passado, sendo 62,2% de curto prazo. Na prática, isso significa que US\$ 44,2 bilhões têm prazo de vencimento de um ano ou menos.

No entanto, para o diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Demosthenes Madureira de Pinho Neto, é natural e positivo o fato de o Brasil ter grande volume de dívidas de curto prazo. Ele disse ontem que a dívida que vence nos próximos meses é formada basicamente por linhas de empréstimos que sustentam o comércio exterior do país:

— É o dinheiro mais estável. São linhas que não se interrompem com facilidade. Na crise do México, não houve interrupção e agora elas estão crescendo.

Para BIS, parte do débito não consta como dívida externa

Segundo alguns analistas, o Brasil tem boas condições de financiar estes débitos de curto prazo, já que os investimentos diretos no país devem variar de US\$ 20 bilhões a US\$ 25 bilhões este ano.

Só que, na verdade, o volume do débito é bem maior, segundo o BIS, ao informar que boa parte



dele vem sendo dissimulada porque o Departamento do Tesouro dos EUA alterou o sistema de registros do sistema bancário, de modo que cada dólar emprestado por subsidiária de banco americano no Brasil a uma empresa brasileira não é mais consolidado pela matriz nos EUA. Essa modificação, portanto, faz com que não apareça como dívida internacional parte do dinheiro que o Brasil tomou emprestado.

O documento do BIS revela que em fins de junho do ano passado (dado mais recente) havia US\$ 39,1 bilhões emprestados ao Brasil por subsidiárias locais de bancos internacionais. Para ter exata dimensão da dívida, portanto, esse volume deveria ser acrescentado à cifra "oficial" anotada pelo BIS. Ou seja: o total do débito seria de US\$ 110,2 bilhões.

O que o informe não esclarece é quanto desses US\$ 39,1 bilhões que não aparecem como dívida

externa seria também dívida de curto prazo. O BIS diz que o crescimento do volume da dívida brasileira foi causado pela estratégia escolhida pelo Governo para enfrentar o déficit em conta corrente.

"Medidas adotadas em abril para facilitar o financiamento do crescente déficit da conta corrente (na forma de aperto das condições monetárias e alívio das restrições aos empréstimos externos) deu maior impulso às importações de capital dali por diante", segundo o informe do BIS.

O precedente mexicano de endividamento de curto prazo

O México, que foi à bancarrota em dezembro de 1995 justamente por causa do excesso de dívida de curto prazo, tinha 45,5% de débitos desse tipo em meados de 1997. Em termos gerais, o Brasil foi o segundo país que mais tomou empréstimos no exterior no

primeiro semestre do ano passado (US\$ 3,2 bilhões), ficando atrás apenas da Coréia do Sul, que recentemente teve de pedir socorro ao FMI e aos países ricos para evitar um pedido de moratória por causa da incapacidade de pagar seus compromissos externos de curto prazo, em torno de US\$ 25 bilhões.

Os investimentos estrangeiros no Brasil deverão ficar este ano entre US\$ 20 bilhões e US\$ 25 bilhões, o que representará um recorde histórico segundo previsões de empresas de consultorias e analistas do setor. Um dos impactos mais importantes na economia do país é que se os investimentos estrangeiros ficarem em torno de US\$ 20 bilhões, vão financiar entre 60% a 70% do déficit em transações correntes que este ano, segundo expectativa do mercado, deverá ficar em torno de US\$ 28 bilhões.

O presidente da Ernest &

Young no Brasil, George Ruth, disse estar otimista e acreditar que os investimentos estrangeiros este ano poderão chegar a US\$ 25 bilhões. Segundo Ruth, o pacote adotado pelo Governo federal, por causa dos reflexos na economia brasileira da crise asiática, foi uma indicação importante para os capitais estrangeiros que voltaram a confiar no país.

O mercado estima que os investimentos estrangeiros no ano passado chegaram a cerca de US\$ 16 bilhões, o que representará um aumento de mais de 70% em relação aos US\$ 9,5 bilhões em 1996. Segundo o diretor técnico da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais (Sobeet), Octávio de Barros, a entidade que estuda a atuação de empresas estrangeiras no país, prevê que no ano passado os investimentos estrangeiros atingiram cerca de US\$ 17,5 bilhões.

— É a primeira vez na história do Brasil que os investimentos estrangeiros atingem a mais de 2% do PIB — disse Barros.

O potencial do mercado brasileiro e a estabilidade da economia são fundamentais para atrair capitais estrangeiros que investem no longo prazo.

— Calculamos que o déficit em transações correntes deverá ficar em torno de US\$ 28 bilhões. Se os investimentos estrangeiros atingirem US\$ 20 bilhões, abaterão cerca de 71% desse déficit, o que é importantíssimo — disse.

O presidente da Ernest & Young, adverte, contudo, que o país precisa fazer alguma coisa porque não será possível sustentar um déficit em contas correntes da ordem de US\$ 30 bilhões por mais de dois ou três anos. ■